



Projeto de Iniciação Científica  
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)  
Pesquisa Realizada na UNICAMP e na cidade de Campinas

Pesquisadora: Júlia Vilar de Menezes Olmos Hernandez  
RA: 200362

Orientadora: Maria Alice Possani

Vigência: Dezembro de 2019 a julho de 2020

## **Campinas em rede: mapeamento de espaços de arte e cultura na cidade**

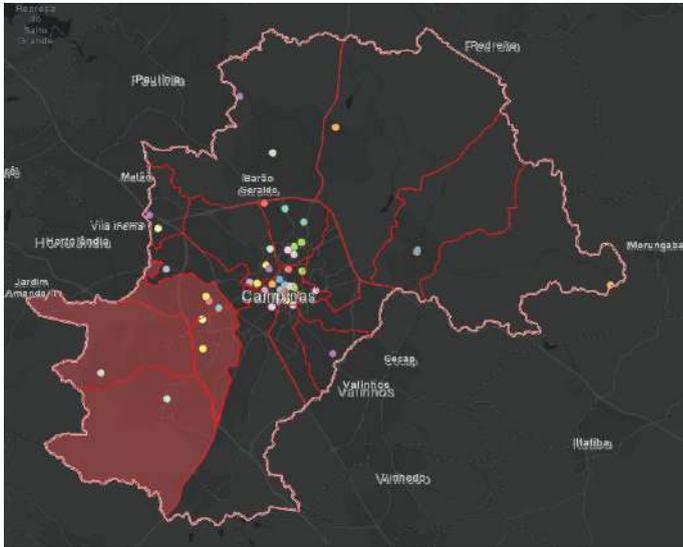
Esta pesquisa se baseia na investigação da prática cartográfica que nos permite refletir as relações transversais entre território, cultura e políticas públicas na cidade de Campinas, São Paulo. Para isso, teve como objetivo coletar dados de uma etapa embrionária do processo que consiste no mapeamento dos equipamentos culturais localizados nas macrorregiões<sup>1</sup> Sudoeste e Noroeste do município.

O recorte territorial teve de ser feito por conta do período de vigência da pesquisa, aprovada em dezembro de 2019. Apesar de a divisão regional de Campinas não ser um indicador forte de localização e identificação geográfica da população, é uma divisão importante no planejamento urbano da cidade, uma vez que cada macrorregião é um conjunto de regiões administrativas. Nas regiões Sudoeste e Noroeste se concentra uma grande parte da população da cidade e poucos recursos técnicos, informacionais e infraestruturais, com muitos bairros de baixa renda. Segundo Moreira, Rossi, Rodrigues (2019, p. 3), o processo de periferização da cidade de Campinas começou na década de 1950, quando as rodovias ganham maior importância e as fábricas migram para regiões mais afastadas do centro, incentivando o crescimento de loteamentos residenciais ao redor e concentrando a grande maioria de bairros periféricos na área sul da cidade (o que compreende grande parte das macrorregiões do locus da pesquisa). Este fenômeno faz parte de políticas higienistas e segregacionistas que impedem o uso do território de determinadas populações, afastando-as de equipamentos públicos e áreas de lazer concentrados na região central.

Milton Santos propõe que o território se segmenta em duas categorias: territórios luminosos e territórios opacos. Os territórios luminosos são aqueles que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais atraentes a atividades econômicas e tecnológicas - dentre elas, a produção, difusão e acesso a bens culturais assim como a produção de indicadores culturais. São localizações mais lucrativas e modernizadas. Os territórios em que estas características não estão presentes são os chamados de territórios opacos, mais orientados por fluxos domésticos e próprios aos lugares, com menores densidades técnicas.

---

<sup>1</sup> São seis as macrorregiões do município: Sudoeste, Noroeste, Sul, Norte, Centro, e Leste.



Neste mapa da cidade de Campinas podemos observar a distribuição territorial dos equipamentos culturais (marcados pelas esferas coloridas) mapeados no Sistema de Informação Geográfica (SIG)<sup>2</sup>, disponíveis no Banco de dados espaciais de Campinas e contendo somente informações de nome do equipamento e respectiva localização. É notável a concentração de equipamentos culturais na região central - território

luminoso - da cidade, o que indica a relação direta entre a densidade técnica e informacional do território com o alcance e a difusão de informações e indicadores culturais. Os territórios opacos, descentralizados, como as regiões Noroeste e Sudoeste da cidade (preenchidas em vermelho no mapa), têm menos equipamentos mapeados - fator relacionado à menor densidade técnica e informacional do território.

Subvertendo o histórico de marginalização, as macrorregiões Sudoeste e Noroeste são marcadas por equipamentos culturais de grande relevância político-social e identitária para a cidade, com anos de trajetória e atuação na cena cultural e, em alguns casos, na militância artística. A escolha por este recorte territorial descentralizado considerou a presença destes espaços que são de grande importância para a minha formação como artista, educadora, pesquisadora, e cidadã, assim como a relação destes com o território opaco que habitam.

A prática de mapear, especialmente quando se trata do campo da cultura, exige uma base epistemológica interdisciplinar, assim como exige uma postura ética diante das escolhas de o que incluir ou destacar e o que excluir ou homogeneizar. Um mapeamento é sempre um ponto de vista, localizado também no tempo. É, ao mesmo tempo, um compromisso com a construção de memória, e com a construção do futuro.

De que forma, então, o olhar geográfico e crítico, em confluência com o olhar da afetividade, pode colaborar com a democratização do acesso às artes e o reconhecimento, valorização e preservação da produção cultural local e as redes que a articula?

Por conta das medidas de isolamento social devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas não puderam ser realizadas presencialmente, tampouco foi possível habitar os espaços marcados no mapa e apreender o território a partir da relação física e orgânica - território e corpo da pesquisadora. As entrevistas então foram realizadas de forma remota, através de videochamadas, o que limita a interação com

<sup>2</sup> O SIG é uma das técnicas cartográficas digitais, que processa as informações coletadas sobre o território em dados georreferenciados, ou seja, com coordenadas geográficas reconhecidas.



a pessoa entrevistada por não haver coabitação de um mesmo espaço. Diante da circunstância, priorizou-se então a coleta dos dados quantitativos e qualitativos de três dos espaços denominados de “sementes” para então relacioná-los com a bibliografia, e assim apontar caminhos para a realização de um mapeamento cultural do município de Campinas.

| Nome do espaço   | Casa de Cultura Fazenda Roseira   | Instituto Anelo   | Casa de Cultura Aquarela   |
|--|---|---|--|
| Quantidade de pessoas que atualmente trabalham diretamente no grupo  | 5 (núcleo de gestão)  | 25 (corpo docente e coordenação)  | 8 (coordenação das frentes de trabalho)  |
| Formalização   | Ponto de Cultura  | ONG   | Ponto de Cultura   |
| Área(s) de atuação   | Educação formal; Educação não formal; Meio ambiente e Tradição  | Linguagens Artísticas: Música (instrumento e canto); Educação não formal  | Linguagens Artísticas; Educação não formal; Educação formal; Meio Ambiente; Tradição   |
| Quais as principais ferramentas de divulgação das atividades do grupo?   | Redes sociais (Facebook e Instagram); blog; folder; imprensa  | Redes sociais (Facebook, Instagram, YouTube); site  | Redes sociais (Facebook e Instagram); site   |
| Principais fontes de recursos antes e durante pandemia (editais, recursos próprios, doações, leis de fomento...) | <b>Antes da pandemia:</b> editais públicos; roteiro afro e apresentações (muitas ligadas ao Sesc).<br><b>Durante pandemia:</b> auxílios emergenciais e esperam a Lei Aldir Blanc  | <b>Antes da pandemia:</b> doações; leis de fomento (Rouanet).<br><b>Durante pandemia:</b> mesmos recursos   | <b>Antes da pandemia:</b> recursos próprios; editais públicos e privados<br><b>Durante pandemia:</b> doações e auxílios emergenciais |
| Integrantes do grupo conseguem se sustentar financeiramente com os recursos vindos dessas fontes?                | 5 pessoas da gestão conseguem se sustentar desses recursos e estão agora dependendo do auxílio. Outras pessoas dependem de outros trabalhos. Ninguém é registrado, mas existe esse sonho e meta de poder contratar  | Todo o corpo docente recebe salário, mas muitos têm também outros trabalhos.  | Não  |
| Características do público frequentador e critérios de participação (se existirem)                               | O único critério de participação é o respeito com o espaço e a comunidade. Por conta de o primeiro endereço do Arraiá Afro Julino ser no distrito de Barão Geraldo, grande parte do público da região passou a frequentar a Roseira quando se instalou no novo espaço. A faixa etária do público é extensa, desde crianças a idosos. Públicos de diferentes cidades e estados frequentam a casa de cultura, seja nos eventos grandes anuais, na roda de jongo quinzenal Pisa na Tradição, ou nas aulas de pós graduação, entre outras atividades. | O espaço pode ser acessado exclusivamente pelos alunos que são em sua grande maioria crianças e adolescentes, atendendo também o público adulto e idoso. Os critérios de participação são estar matriculado ou ter concluído a escola, ter um responsável maior caso seja menor de idade, e documentação no ato da inscrição. Algumas modalidades exigem aprovação em avaliação prática, as outras são selecionadas por ordem de inscrição. | De crianças a adultos, sem critério de participação nas atividades, com exceção da pós graduação que exige uma mensalidade.          |
| Realiza atividades com alguma regularidade em outros espaços? Se sim, quais espaços?                             | Casa de Cultura Aquarela, parceira no programa de pós graduação UniVida   | Quando se instalava no primeiro endereço realizava na escola estadual e no CEU, através de um acordo anual com a prefeitura.  | Casa de Cultura Fazenda Roseira, parceira no programa de pós graduação UniVida   |
| Existe relação/articulação com moradores, grupos, famílias, entidades religiosas, e escolas da comunidade local? | Por conta da especulação imobiliária na região há muito esforço para se relacionar com o entorno, o diálogo começou a fluir há dois anos. Existe relação com o Coletivo Savaraxé que se formou na Roseira e organiza junto com esta o Encontro de Juventude de Terreiro. As escolas do município ou do estado procuram muito para fazer as visitas.   | A comunidade colabora com voluntariado eventualmente. Tem relação com a escola estadual que era utilizada para realizar algumas atividades.   | Moradores da região frequentam o espaço.   |
| Participa do fórum de cultura e/ou de câmaras temáticas?   | Sim, do fórum de cultura e da câmara temática de culturas populares.  | Não   | Não  |
| As atividades, cursos e oficinas do espaço já formaram outros grupos, artistas ou profissionais da cultura?      | Savaraxé; Juventude de Terreiro; Quilombo Urbano OMG  | Um dos atuais professores foi aluno   | Contadores de histórias que tiveram caminhos abertos pelo certificado que receberam da Aquarela                                      |
| Imóvel   | Público   | Concessão   | Próprio  |
| Infraestrutura urbana: itens que o espaço possui   | Esgoto, abastecimento de água, coleta de lixo, asfaltamento, transporte público (ônibus) próximo, iluminação pública  | Esgoto, abastecimento de água, coleta de lixo, asfaltamento, transporte público (ônibus) próximo, iluminação pública, sinalização indicando o espaço (feita pela Anelo)   | Esgoto, abastecimento de água, coleta de lixo, asfaltamento, transporte público (ônibus) próximo, iluminação pública                 |



O espaço disponibiliza acesso gratuito à internet para a comunidade? Existe alguma contribuição/incentivo governamental para isso?

Sim, a internet é da IMA (empresa pública de tecnologia)

A internet é de uso exclusivo dos alunos e professores. Não existe contribuição governamental.

Não

Tabela 1 - elaborada pela pesquisadora a partir das entrevistas realizadas com os agentes culturais Vanessa Dias (Casa de Cultura Fazenda Roseira), Siegrid Klein (Instituto Anelo), e Marcos Brytto (Casa de Cultura Aquarela)

No âmbito das políticas públicas de cultura no Brasil, as discussões e iniciativas de coleta e análise de dados sobre produção, difusão e acesso de bens culturais são bastante recentes - um dos fatores para se apresentar como um desafio para a gestão pública de cultura atualmente. Com a pandemia de Covid-19 e a Lei Aldir Blanc de medidas emergenciais para o setor cultural e criativo, o número de espaços culturais cadastrados no Mapa Cultural Campinas cresceu mais de 50%, revelando a urgência em levantar dados quantitativos e qualitativos no campo da cultura para a elaboração e implementação de políticas públicas culturais. A ferramenta Mapas Culturais, apesar do amplo e fácil acesso, ainda não contempla uma profundidade qualitativa dos dados, que são cadastrados sem muitos critérios nem análise e muitas vezes não contém informações básicas sobre o espaço, como endereço físico, contato ou descrição. Todavia, esse foco direcionado a esta discussão urgente é um acontecimento marcante para que este cenário se transforme e mais esforços contínuos sejam dedicados ao mapeamento de agentes, espaços e eventos culturais.

Esse exercício de apreender o território a partir das práticas culturais e seus protagonistas é o que mobiliza o surgimento de novas cartografias culturais insurgentes (DO VAL, 2012). O território é uma noção objetiva que produz subjetividades a partir da relação com seus atores sociais, que no exercício de cartografar o campo da cultura - também produtor de subjetividades - “*ganham um novo espectro afetivo de suas territorialidades*” (DO VAL, 2012, p. 12). Territorialidades se constroem através da relação do território com seus habitantes que atribuem significados a ele - ao mesmo tempo que o território agencia as práticas culturais. Esta relação produz e é produto de cultura.

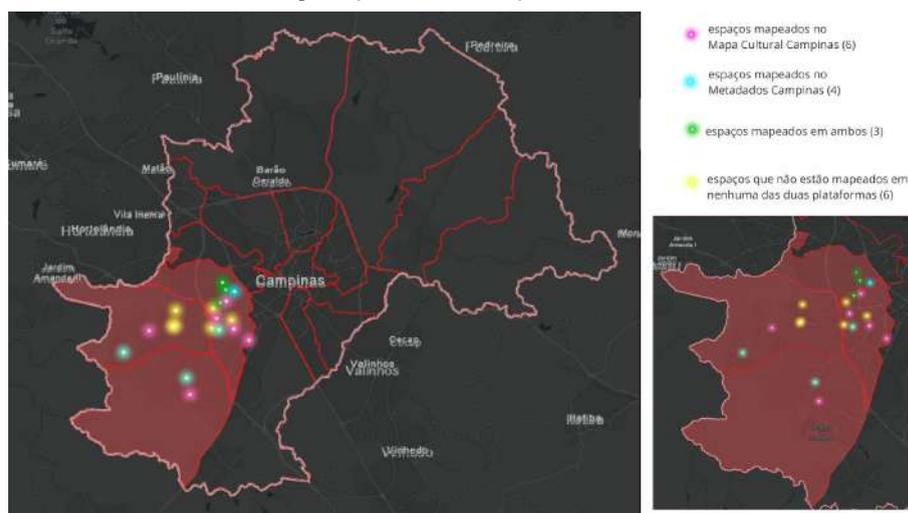


Figura 3 - mapa desenvolvido pela pesquisadora utilizando a ferramenta ArcGIS Online, dados da plataforma Metadados de Campinas e do Mapa Cultural Campinas



Já neste mapa podemos visualizar, marcados como focos de luz amarelos, os espaços que não foram mapeados nem pelo Metadados nem pelo Mapa Cultural Campinas. O mapa chama a atenção para duas coisas: a primeira é que quanto mais próximo do centro, mais espaços culturais mapeados, ilustrando a relação entre a luminosidade dos espaços e a presença de equipamentos culturais. A segunda é o fato de que um mapa é a *“representação da realidade, mas não a realidade em si”* (SEEMANN, 2001). Isso é evidente uma vez que o mapa georreferenciado dos equipamentos culturais na cidade<sup>3</sup> não contempla a realidade dos mesmos, tampouco o Mapa Cultural. Um mapa tem o poder de instaurar uma leitura e um imaginário comum de um território, de projetar desejos sobre esse território, e *“saber que tipo de cidade queremos é uma questão que não pode ser dissociada de saber que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos”* (HARVEY, 2013). Portanto todo processo de mapeamento deve ser consciente do seu ponto de vista, dos símbolos que utiliza, e do que escolhe revelar ou ocultar. Assim evita-se uma representação “universal” e hegemônica do espaço, e aproxima-se de uma representação que permita uma apreensão crítica e transformadora do espaço.

Nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar a forma de vê-lo. Isso é importante porque só assim poderemos escapar ao dogmatismo epistemológico e marcar um encontro com o futuro. (SANTOS, 2012, p. 40)

É também fundamental a consciência de que este ponto de vista não só parte de um lugar físico e social, como também está localizado no tempo. Mapas de décadas passadas já não representam o território tal qual como ele se configura no tempo presente, mas são importantes documentos históricos que nos permitem compreender mais profundamente a atual configuração do espaço. Isso reforça o compromisso com uma representação justa do espaço: quais são os documentos que queremos deixar para o futuro? Como diz Ana Paula do Val (2010, p. 133), *“um mapeamento é sempre um olhar parcial e momentâneo, não se mapeia apenas no espaço, mas também no tempo”*.

Segundo Suely Rolnik (1989), sempre haverá uma tensão entre fluxo e representação e esse desafio permanente é o próprio motor de criação de sentido. A apreensão do espaço se insere neste desafio uma vez que *“é pelo movimento geral da sociedade que apreendemos o movimento geral do espaço”* (SANTOS, 2012, p. 38). É o desafio de tentar apreender o que está em movimento, de tornar palpável o impalpável, concretizar o subjetivo.

Para tanto, é indispensável a constante atualização da forma e conteúdo do mapeamento cultural, não como uma ferramenta de vigilância e legitimação, mas como uma ferramenta que contribua para a autonomia, fortalecimento e visibilidade dos equipamentos e agentes culturais.

---

<sup>3</sup> Aqui me refiro os Metadados. O Mapa Cultural não se insere neste mesmo perfil porque apesar de os espaços cadastrados com endereço estarem localizados no mapa, estas localizações não podem ser extraídas e utilizadas em outras bases de mapas para análises, comparações e aperfeiçoamentos.